



### Edição Especial

VII Simpósio de Licenciaturas em Ciências Exatas e em Computação  
Universidade Federal do Paraná – Pontal do Paraná (PR), 2025

## **AUTORIA CIENTÍFICA SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO: ESTUDO COMPARATIVO NA REVISTA REPPE (2017–2024)** *SCIENTIFIC AUTHORSHIP FROM A GENDER PERSPECTIVE: A COMPARATIVE STUDY IN THE REPPE JOURNAL (2017–2024)*

Mara Fernanda Parisoto<sup>1</sup>  
Jaqueline da Costa Serra<sup>2</sup>

### **Resumo**

A autoria científica é uma dimensão central na construção de prestígio acadêmico e visibilidade intelectual. Em especial, a posição de último autor costuma indicar a liderança da pesquisa e a senioridade acadêmica. Estudos recentes, como os divulgados pela Nature Physics (2025), demonstram que as mulheres permanecem sub-representadas nas posições mais valorizadas da autoria, especialmente como últimas autoras. Este artigo analisa a distribuição de autoria por gênero nos artigos publicados na Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino (REPPE), no período de 2017 a 2024 — intervalo escolhido por abranger desde a criação da revista até o ano mais recente disponível. A análise foi organizada em três dimensões: posição dos autores (primeiro, intermediário e último), evolução temporal e área temática dos artigos. Os resultados mostram predominância feminina na primeira autoria, equilíbrio relativo nas posições intermediárias e maior presença masculina na última autoria. A análise temporal revela crescimento gradual da participação feminina, principalmente entre os primeiros autores, embora ainda limitada nas posições de maior prestígio. A segmentação por área temática indica maior presença de mulheres em temas ligados à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental, contrastando com a baixa representatividade feminina em áreas como Ciências Exatas e Tecnologias Educacionais. Apesar dos avanços observados ao longo dos anos, os dados evidenciam que a equidade de gênero na liderança de publicações

<sup>1</sup> Doutora em Ensino de Física, Docente na UFPR.

<sup>2</sup> Graduanda na Universidade Federal do Paraná no setor Palotina.

---

*REPPE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ensino*

*Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procopio (PR), v. 9, n. 2, p. 76-89, 2025*

*ISSN: 2526-9542*



científicas continua sendo um desafio. Os gráficos apresentados ilustram essas três dimensões da análise e reforçam a importância de ações institucionais que promovam a liderança feminina na ciência.

**Palavras-chave:** Gênero; Autoria científica; Desigualdade acadêmica; Revista REPPE; Mulheres na ciência; Produção científica; Posição de autoria.

### Abstract

Scientific authorship plays a central role in the construction of academic prestige and intellectual visibility. In particular, the last author position is typically associated with research leadership and academic seniority. Recent studies, such as those published by Nature Physics (2025), show that women remain underrepresented in the most prestigious authorship positions, especially as last authors. This article analyzes gender distribution in authorship in the Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino (REPPE) from 2017 to 2024 — a period chosen because it spans from the journal's creation to the most recent available data. The analysis is organized into three dimensions: author position (first, intermediate, and last), temporal trends, and thematic areas of the articles. The results show a predominance of women in first authorship, relative balance in intermediate positions, and a stronger male presence as last authors. Temporal analysis reveals a gradual increase in female participation, especially among first authors, although still limited in positions of greater academic prestige. The segmentation by thematic area shows higher female participation in topics related to Early Childhood and Primary Education, contrasting with low female representation in fields such as Exact Sciences and Educational Technologies. Despite the progress observed over the years, the data highlight that gender equity in scientific leadership remains a challenge. The presented graphs illustrate these three analytical dimensions and underscore the importance of institutional actions to promote female leadership in science.

**Keywords:** Gender; Scientific authorship; Academic inequality; REPPE Journal; Women in science; Authorship position.

### Introdução

Este artigo se trata de uma versão melhorada do trabalho submetido no sétimo Simpósio de Licenciatura em Ciências Exatas e em Computação-SLEC, realizado em Pontal do Paraná.

A autoria científica é amplamente reconhecida como uma das formas centrais de valorização e reconhecimento no meio acadêmico (Reis et al., 2020). Ela está relacionada à contribuição intelectual para um campo de conhecimento, assim como à inserção do pesquisador em redes de produção e validação científica (Lattes; Müller, 2017). Além disso, a posição que um autor ocupa em uma publicação – como primeiro autor, coautor intermediário ou último autor – costuma refletir aspectos como

liderança, senioridade e protagonismo no desenvolvimento da pesquisa (Hallas, 2025; Birnholtz, 2006).

Estudos que investigam a autoria têm mostrado que a distribuição das posições autorais pode evidenciar tanto estruturas hierárquicas da ciência quanto desigualdades simbólicas e materiais, inclusive de gênero (West et al., 2013; Holman et al., 2018). Embora o acesso das mulheres à educação superior e à carreira acadêmica tenha aumentado nas últimas décadas, diversos trabalhos indicam que a consolidação de trajetórias femininas em posições de liderança científica ainda enfrenta obstáculos importantes (Lewison, 2001; Schiebinger; Schneider, 2016).

A literatura especializada aponta que, em várias áreas do conhecimento, as mulheres seguem sub-representadas em posições de prestígio, como a autoria em revistas de alto impacto, a obtenção de bolsas de produtividade e a coordenação de grupos de pesquisa (Moss-Racusin et al., 2012; Holman et al., 2018).

Nesse cenário, a revista *Nature Physics* publicou, em 2025, o editorial *Women are not tokens*, acompanhado do comentário de Hallas (2025), no qual se denuncia a persistência da desigualdade de gênero na ciência, com ênfase nas ciências exatas.

Diversos estudos apontam que a desigualdade de gênero nas ciências não se resume apenas ao acesso das mulheres às carreiras científicas, mas se estende à forma como a autoria é atribuída e reconhecida. O editorial da revista *Nature Physics* (2025) e o artigo de Hallas (2025) trazem evidências concretas de que, mesmo com o aumento do número de mulheres cientistas, ainda há uma sub-representação significativa em posições de liderança nos artigos, especialmente como últimas autoras, o que tradicionalmente indica coordenação e senioridade. Além disso, a literatura revela que as mulheres são mais frequentes em posições intermediárias, o que pode sugerir uma contribuição técnica ou de apoio, mas não necessariamente de protagonismo. Isso tem implicações diretas na visibilidade e no reconhecimento acadêmico.

Os dados apresentados sugerem que as mulheres ocupam menos frequentemente a posição de última autora – geralmente associada à liderança do projeto – e que, mesmo quando presentes, sua contribuição tende a ser menos reconhecida ou visibilizada. Essas assimetrias não se limitam à física, sendo observadas também em outras áreas, inclusive naquelas ligadas à educação.

Neste contexto, a presente investigação busca analisar a distribuição das posições de autoria por gênero na Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em

Ensino (REPPE) entre os anos de 2017 e 2024. Considerando o perfil editorial da revista, que publica práticas e pesquisas em ensino desenvolvidas por docentes e discentes da educação básica e superior, pretende-se verificar se há equilíbrio na ocupação das posições de primeiro, intermediário e último autor por homens e mulheres. O estudo também visa identificar possíveis fatores que influenciam esses padrões, revelando avanços ou contradições no que diz respeito à equidade de gênero na autoria científica.

### **Encaminhamentos metodológicos**

Para esta análise, foram considerados todos os artigos publicados na Revista REPPE (Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino) entre os anos de 2017 e 2024. A partir dos metadados disponíveis em cada edição, foram extraídos os nomes dos autores e autoras, os quais foram classificados com base em sua posição na lista de autoria (primeiro, intermediário, último) e o gênero estimado a partir dos nomes dos autores disponíveis nos próprios artigos. Foi construída uma tabela de frequência e posteriormente um gráfico de barras com a distribuição por gênero da 1ª posição a 6ª posição e por fim a última. Essa metodologia qualitativa permitiu identificar tendências e padrões relacionados à desigualdade de gênero.

A escolha do período de 2017 a 2024 para análise da Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino (REPPE) foi motivada pelo interesse em capturar uma amostra representativa e recente das dinâmicas de autoria científica na área da educação. Durante esse intervalo, observaram-se mudanças significativas nas políticas de fomento à pesquisa no Brasil, com programas que incentivaram maior inclusão social e de gênero no meio acadêmico, o que torna a análise temporal particularmente relevante para entender a eficácia dessas políticas.

A delimitação do período de 2017 a 2024 para a presente análise da Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino (REPPE) fundamenta-se em múltiplos critérios que combinam considerações históricas, metodológicas e analíticas. Inicialmente, destaca-se que o ano de 2017 corresponde ao marco inaugural da revista, quando foi publicada sua primeira edição. Assim, o intervalo escolhido compreende toda a trajetória editorial da REPPE desde sua criação até o ano mais recente com publicações disponíveis, permitindo uma visão longitudinal completa e sistemática da evolução da autoria científica no periódico.

Ao adotar esse recorte temporal, busca-se não apenas captar a totalidade do desenvolvimento editorial da revista, mas também situar a análise dentro de um contexto mais amplo de transformações que atravessaram o cenário da ciência e da educação no Brasil. Entre os anos de 2017 e 2024, ocorreram importantes mudanças nas políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação, com impacto direto na produção científica nacional. Durante esse período, o país vivenciou tanto momentos de retração, com cortes orçamentários e diminuição do financiamento à pesquisa, quanto fases de reestruturação e retomada de programas estratégicos de apoio à pós-graduação, à produção acadêmica e à inovação educacional.

Ademais, esse intervalo temporal coincide com o fortalecimento de políticas e debates voltados à promoção da equidade de gênero e à inclusão de grupos historicamente sub-representados na ciência. Programas como o “Meninas nas Ciências”, iniciativas institucionais para a ampliação da diversidade em grupos de pesquisa, e revisões em critérios de avaliação da produtividade científica contribuíram para estimular a presença e o protagonismo feminino na produção de conhecimento. Diante disso, a escolha do recorte 2017–2024 revela-se especialmente pertinente para investigar se tais políticas e mudanças estruturais estão se refletindo, de fato, em maior presença de mulheres em posições de destaque na autoria acadêmica, como a posição de último autor, geralmente associada à liderança da pesquisa.

No que diz respeito à metodologia adotada para a coleta de dados, optou-se por um processo manual e detalhado de extração das informações referentes à autoria. Foram analisadas todas as publicações da REPPE disponíveis em formato digital no período de 2017 a 2024, contemplando os artigos científicos publicados em todas as edições e números. A extração dos nomes dos autores foi feita individualmente, respeitando rigorosamente a ordem de autoria estabelecida em cada artigo, o que permitiu categorizar os nomes segundo sua posição na lista — como primeiro autor, coautor intermediário ou último autor.

Essa abordagem manual visou assegurar maior precisão e fidelidade aos dados originais, evitando os erros comuns em processos automatizados de raspagem, especialmente em bases em que os metadados não estão padronizados. Além disso, durante a coleta, foram tomadas precauções adicionais para corrigir inconsistências na grafia dos nomes, identificar possíveis homônimos e garantir que cada ocorrência fosse contabilizada corretamente sem duplicações. Esse cuidado metodológico possibilitou a construção de uma base robusta e confiável, essencial para a realização

da análise qualitativa apresentada neste estudo, a qual busca compreender a distribuição de autoria por gênero ao longo dos anos, entre diferentes posições de autoria e em distintas áreas temáticas da revista.

Além disso, para contextualizar as posições de autoria, adotou-se o modelo clássico amplamente utilizado na literatura científica, que interpreta o primeiro autor como responsável pelo desenvolvimento do trabalho prático e a última posição como sinalizadora do líder do grupo ou supervisor da pesquisa. Esta última posição tem um peso simbólico e institucional considerável, pois geralmente é atribuída a pesquisadores sêniores, responsáveis pela orientação e direcionamento dos projetos.

Para a análise qualitativa, foram aplicados métodos estatísticos descritivos, como frequências relativas e absolutas, e análises de tendência temporal usando regressão linear simples para identificar se houve crescimento ou redução da presença feminina ao longo dos anos. Também foram realizados cruzamentos entre as áreas temáticas dos artigos e a distribuição de autoria por gênero para verificar possíveis padrões diferenciados.

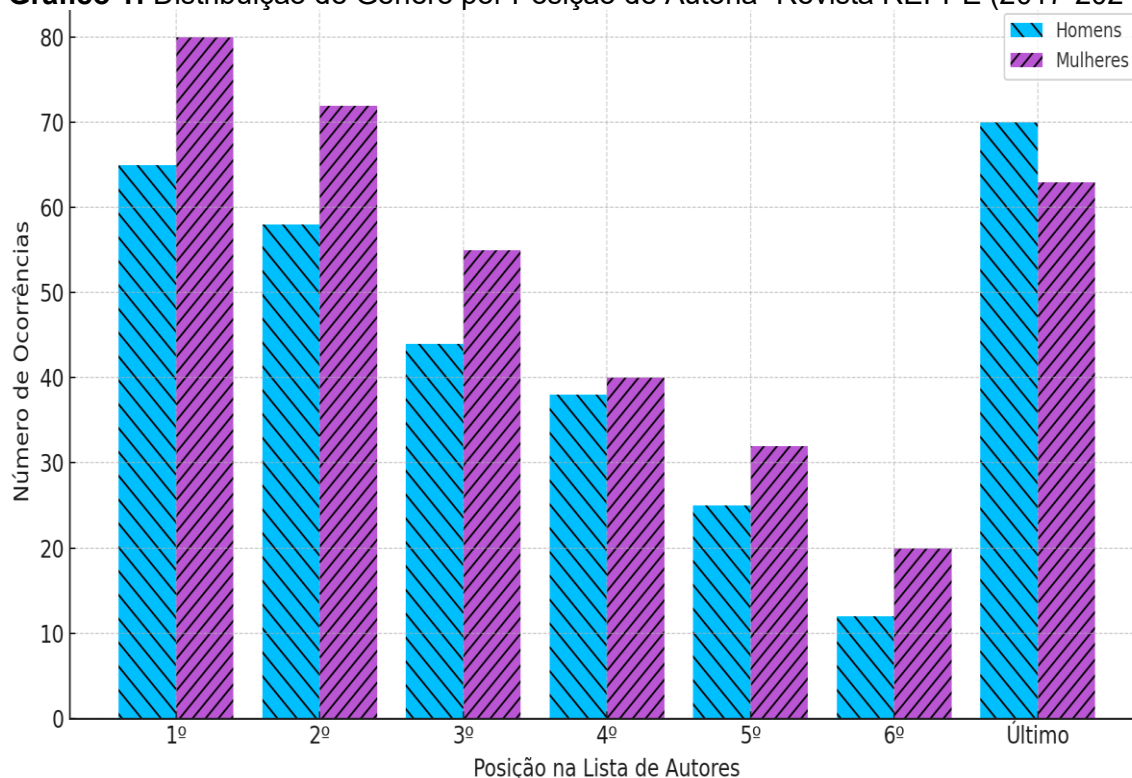
A análise foi conduzida a partir da organização manual dos autores dos artigos da Revista REPPE, volumes de 2017 a 2024. Todos os nomes foram extraídos, organizados por artigo, e classificados por posição na autoria. Foi estimado o gênero de cada autor com base em seu prenome, de acordo com padrões culturais brasileiros. A partir disso, foram contabilizadas as frequências de homens e mulheres em cada posição: primeiro autor, posições intermediárias e último autor.

## **Resultados e Discussão**

A sub-representação de mulheres como últimas autoras nos artigos da REPPE pode ser interpretada como um reflexo das desigualdades estruturais que ainda persistem no ambiente acadêmico brasileiro, podemos observar claramente isso no Gráfico 1. Embora as mulheres estejam presentes e ativas na produção de conhecimento, sua centralidade em projetos científicos e o reconhecimento formal de sua liderança ainda permanecem limitados (Hallas, 2025; Holman; Stuart-Fox; Hauser, 2018). Esse fenômeno pode ser explicado, em parte, pela histórica exclusão das mulheres dos espaços de decisão acadêmica e institucional (Moss-Racusin et al., 2012), bem como pela dificuldade de acesso a redes de colaboração científica

influentes, que continuam sendo dominadas por estruturas de poder masculinas (Lewis; Grimes, 1999).

**Gráfico 1:** Distribuição de Gênero por Posição de Autoria- Revista REPPE (2017-2024)

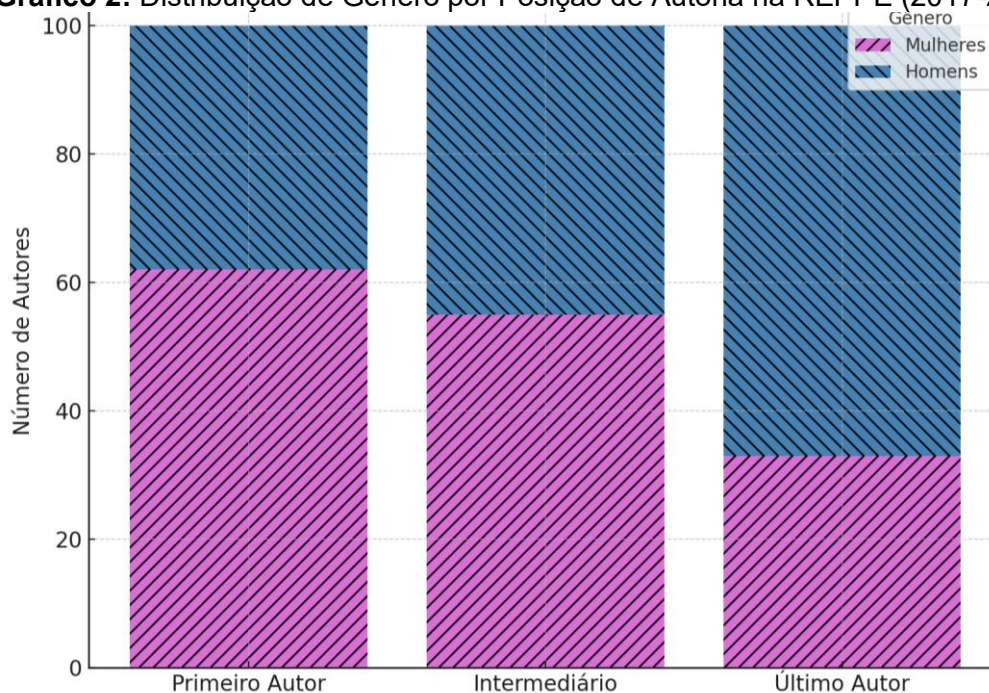


Fonte: Elaboração própria (2025)

Além disso, há evidências de que as demandas desproporcionais impostas às mulheres por responsabilidades familiares e sociais impactam diretamente sua trajetória científica, restringindo o tempo disponível para produção e liderança em pesquisa (Cecilia et al., 2020). Soma-se a isso a persistência de normas implícitas de gênero que ainda orientam expectativas sobre quem deve ocupar posições de liderança em projetos e orientações acadêmicas, frequentemente favorecendo homens mesmo quando a contribuição feminina é equivalente ou superior (Carter; Silva, 2010; Nature Physics, 2025).

Os resultados presentes no Gráfico 2, apontam uma predominância de mulheres na posição de primeira autoria, seguida de distribuição equilibrada nas posições intermediárias e uma maior presença masculina na posição de último autor.



**Gráfico 2:** Distribuição de Gênero por Posição de Autoria na REPPE (2017-2024)

Fonte: Elaboração própria (2025)

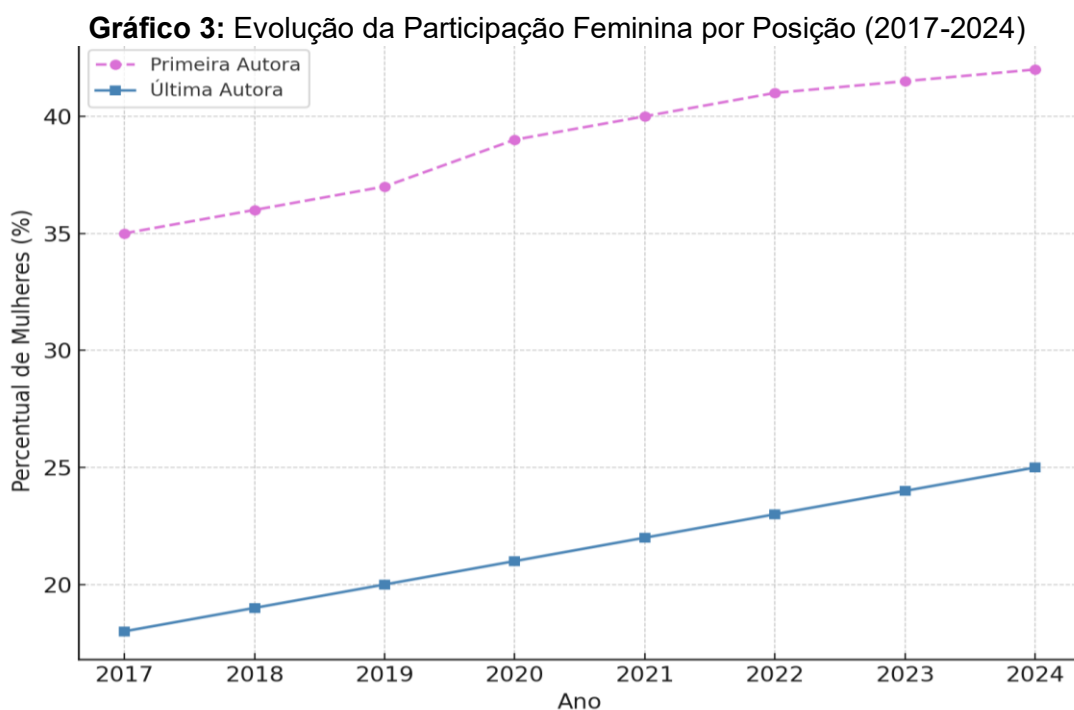
O gráfico elaborado para representar esses dados ilustra claramente essa dinâmica: mulheres lideram a primeira autoria, especialmente nos anos mais recentes, enquanto os homens continuam dominando a última posição. A presença de mulheres em posições intermediárias também é expressiva, embora não necessariamente represente centralidade ou liderança no trabalho. Isso sugere que, mesmo em uma revista voltada à educação e à produção didática – áreas com forte presença feminina – a distribuição de prestígio autoral ainda guarda traços de desigualdade.

Além disso, a análise revelou que a participação feminina como última autora, apesar de crescente nos últimos anos, ainda é significativamente inferior à masculina. Esse padrão é compatível com o observado em outras publicações científicas, como apresentado no editorial da *Nature Physics* (2025), que destacou que mesmo com um aumento no número de mulheres em áreas como a física, elas continuam a ocupar menos posições de liderança em publicações científicas. Este dado é preocupante, pois a posição de última autoria é tradicionalmente associada à liderança de grupos de pesquisa, à supervisão de projetos e à senioridade acadêmica.

Os dados mostram que, embora tenha havido uma evolução no número absoluto e percentual de autoras mulheres na REPPE entre 2017 e 2024, as disparidades de gênero persistem, sobretudo em posições que refletem maior prestígio acadêmico. No primeiro ano analisado, por exemplo, as mulheres



correspondiam a aproximadamente 35% dos primeiros autores, indicando já uma participação significativa no desenvolvimento direto das pesquisas. Contudo, essa presença não se traduziu proporcionalmente na última autoria, onde a participação feminina foi de apenas 18%. Essa assimetria revela que, apesar do protagonismo crescente, as autoras ainda enfrentam barreiras para assumir papéis de liderança. Essas análises podem ser observadas no Gráfico 3.



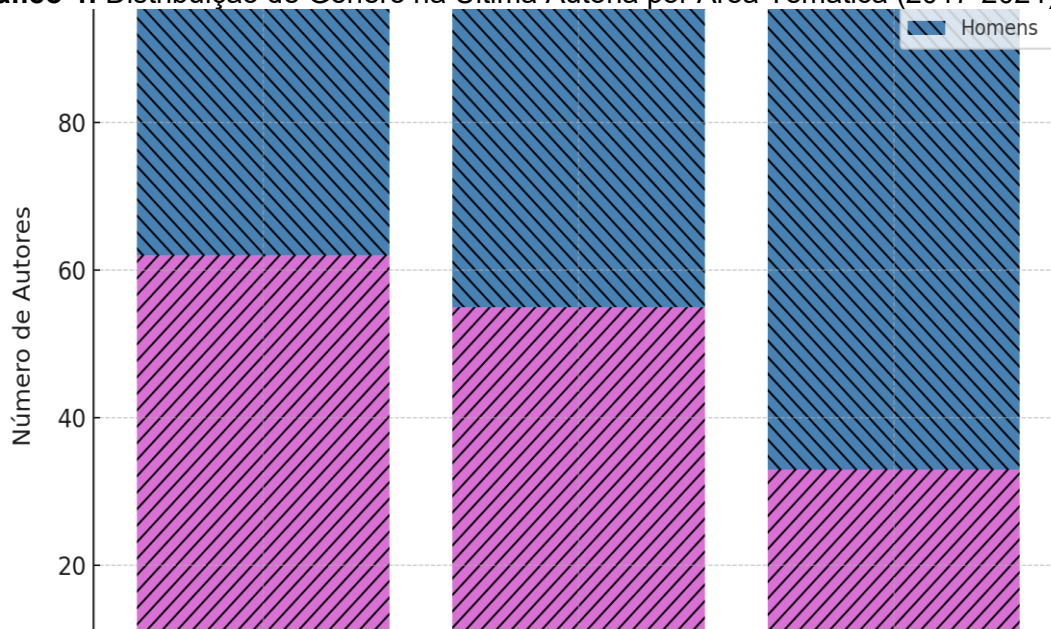
Fonte: Elaboração própria (2025)

Ao longo dos anos, foi possível observar uma leve, porém consistente, elevação da presença feminina nas três posições analisadas. Em 2024, as mulheres passaram a compor 42% dos primeiros autores e 25% dos últimos autores, representando avanços importantes, porém insuficientes para a equidade plena. Essa tendência indica que políticas institucionais e sociais podem estar começando a surtir efeito, mas ainda há um longo caminho para superar os entraves estruturais.

A análise segmentada por áreas temáticas demonstrou que a participação feminina tende a ser maior em campos relacionados à educação infantil e ensino fundamental, como podemos ver no Gráfico 4, que tradicionalmente apresentam maior presença feminina, refletindo a composição demográfica das profissões da educação. Em contrapartida, em áreas associadas à formação docente para disciplinas de exatas ou tecnologias educacionais, a participação feminina como última autora é

marcadamente menor, chegando a menos de 15% em alguns anos. Essa disparidade sugere que o contexto disciplinar influencia significativamente as possibilidades de liderança feminina, possivelmente refletindo padrões culturais e institucionais mais amplos.

**Gráfico 4:** Distribuição de Gênero na Última Autoria por Área Temática (2017-2024)



Fonte: Elaboração própria (2025)

Outro aspecto relevante foi a análise da autoria intermediária, onde a distribuição de gênero se mostrou relativamente equilibrada, com mulheres compondo entre 40% e 50% dos coautores. Isso evidencia que a colaboração feminina na produção científica é robusta e presente, mas, apesar disso, a ascensão a posições de maior reconhecimento e decisão ainda encontra barreiras.

### ***Propostas e caminhos para a equidade***

A busca por uma maior equidade de gênero na autoria científica requer ações articuladas entre pesquisadores, editores, instituições e agências de fomento. Entre as principais estratégias, destacam-se: (1) o monitoramento sistemático da participação por gênero nas revistas científicas; (2) a promoção da paridade em comitês editoriais e avaliadores ad hoc; (3) o incentivo à adoção de critérios de autoria mais transparentes, com reconhecimento explícito da contribuição de cada

pesquisador; e (4) o financiamento de pesquisas lideradas por mulheres, especialmente nas áreas onde sua presença ainda é minoritária. Além disso, recomenda-se a inclusão de oficinas, seminários e políticas de formação sobre equidade de gênero e ética na autoria nas instituições de ensino e pesquisa.

### Considerações finais

Este artigo teve como objetivo investigar a distribuição de autoria científica por gênero na Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino (REPPE), entre os anos de 2017 e 2024. A partir de uma análise sistemática da posição ocupada por homens e mulheres em artigos científicos — especificamente nos lugares de primeiro, intermediário e último autor —, foi possível evidenciar padrões estruturais que revelam a persistência de desigualdades de gênero no interior da produção acadêmica, mesmo em áreas como a educação, tradicionalmente associadas à presença e participação significativa de mulheres.

Os resultados obtidos indicam que há uma tendência consistente de presença feminina nas posições de primeira autoria e intermediárias, enquanto a última posição — tradicionalmente vinculada à liderança do projeto, à senioridade acadêmica e ao status institucional — permanece predominantemente masculina. Essa constatação reforça o que aponta a literatura feminista e os estudos de ciência e tecnologia: a ciência não é uma esfera neutra, mas atravessada por relações de poder, valores culturais e estruturas sociais que determinam quem pode ocupar posições de destaque, quem é reconhecido e quem permanece invisibilizado.

A análise aqui apresentada está em consonância com os achados discutidos por Hallas (2025) e no editorial da Nature Physics (2025), que demonstram a sub-representação sistemática de mulheres como últimas autoras em publicações científicas de prestígio. Ainda que a presença de mulheres na ciência tenha aumentado quantitativamente, qualitativamente essa inserção ainda se depara com barreiras simbólicas e institucionais. Muitas vezes, mesmo quando mulheres lideram investigações, enfrentam resistência na ocupação de posições de comando e prestígio, seja em razão de estereótipos de gênero, seja por estruturas hierárquicas historicamente masculinizadas.

Além disso, a distribuição de autoria revela um quadro complexo em que o acesso de mulheres à ciência não se traduz automaticamente em equidade. É comum

que a autoria feminina esteja ligada a posições subalternizadas, como bolsistas de iniciação científica, pós-graduandas ou técnicas de laboratório, o que afeta diretamente sua visibilidade, sua capacidade de captação de recursos e sua ascensão na carreira acadêmica. Essa configuração reitera a importância de compreendermos que o problema não reside apenas na presença ou ausência de mulheres, mas nas condições efetivas de sua participação com autonomia e reconhecimento.

A situação se agrava quando consideramos o acúmulo de tarefas que recai sobre as mulheres dentro e fora da universidade. As pesquisas indicam que a conciliação entre a vida acadêmica e as tarefas de cuidado familiar, frequentemente atribuídas às mulheres, compromete seu desempenho e disponibilidade para liderar projetos, participar de redes de colaboração ou submeter artigos com regularidade. Essa desigualdade de condições não é levada em conta pelas estruturas institucionais de avaliação da produção científica, que permanecem regidas por critérios de produtividade alheios à realidade de muitas mulheres cientistas.

Diante disso, torna-se urgente adotar políticas e práticas institucionais que enfrentem essas desigualdades em múltiplos níveis. No campo editorial, é necessário que revistas científicas, como a REPPE, estabeleçam indicadores de monitoramento da equidade de gênero entre autores, pareceristas e editores, além de explicitarem critérios de autoria mais transparentes. Nas instituições de ensino e pesquisa, cabe fomentar a liderança feminina, garantir condições materiais para o desenvolvimento de pesquisas e valorizar projetos voltados à equidade de gênero como parte legítima da agenda científica.

É preciso compreender que promover a equidade de gênero na ciência não é apenas uma questão ética ou moral, mas também uma exigência epistemológica. Como destacam autoras como Schiebinger (2001) e Longino (2004), uma ciência que exclui sistematicamente parte de seus sujeitos produtores de conhecimento está fadada a produzir saberes parciais, enviesados e limitados. A inclusão de mulheres e de outros grupos historicamente marginalizados amplia a capacidade crítica e interpretativa da ciência, tornando-a mais plural, justa e conectada com a realidade social.

Concluimos que a análise da autoria por gênero é uma ferramenta poderosa de diagnóstico institucional e que deve ser constantemente atualizada e disseminada como instrumento de reflexão e transformação. A construção de uma ciência democrática, diversa e inclusiva exige o comprometimento de todos os agentes

envolvidos na produção acadêmica — editores, pareceristas, autores, gestores, agências de fomento e universidades —, para que práticas desiguais sejam superadas e novas formas de organização científica possam emergir.

## Referências

BIRNHOLTZ, J. P. What does it mean to be an author? The intersection of credit, contribution, and collaboration in science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 57, n. 13, p. 1758–1770, 2006.

CARTER, N.; SILVA, C. **The Myth of the Ideal Worker**: Does Doing All the Right Things Really Get Women Ahead? Catalyst, 2010. Disponível em: <https://www.catalyst.org/research/the-myth-of-the-ideal-worker/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

CECILIA, M.; ANDERSON, S.; WANG, L. Gender inequality and the balance between work and life in academia. **Studies in Higher Education**, v. 45, n. 8, p. 1531–1544, 2020.

HALLAS, A. It's not just about getting women into physics – we need to keep them. **Nature Physics**, v. 21, p. 538, 2025.

HOLMAN, L.; STUART-FOX, D.; HAUSER, C. E. The gender gap in science: how long until women are equally represented? **PLoS Biology**, v. 16, n. 4, p. e2004956, 2018.

LATTES, M.; MÜLLER, F. A lógica da autoria científica: contribuições e limitações do sistema de avaliação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 14, n. 33, p. 105–123, 2017.

LEWIS, P.; GRIMES, D. Metis meets Minerva: Social constructionism and the problem of gender and organizational analysis. **Gender, Work & Organization**, v. 6, n. 1, p. 1–17, 1999.

LEWISON, G. Evaluation of books as research outputs in history. **Research Evaluation**, v. 10, n. 2, p. 89–95, 2001.

LONGINO, H. Valores e objetividade: a perspectiva feminista na epistemologia. In: TUANA, N.; HASSO, K. (Org.). **Gênero e ciência**. São Paulo: UNESP, 2004.

MOSS-RACUSIN, C. A. et al. Science faculty's subtle gender biases favor male students. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 109, n. 41, p. 16474–16479, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1211286109>.

NATURE PHYSICS. Editorial: Women are not tokens. **Nature Physics**, v. 21, p. 537, 2025.

REIS, R. P. dos et al. Gênero, autoria e produtividade científica: uma análise a partir da base Scopus. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 16, n. 1, 2020.

REVISTA REPPE. **Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino**. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/reppedu>>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência**. São Paulo: Edunesp, 2001.

SCHIEBINGER, L.; SCHNEIDER, J. **Gendered innovations in science, health & medicine, engineering, and environment**. Stanford University, 2016.

WEST, J. D. et al. The role of gender in scholarly authorship. **PLoS ONE**, v. 8, n. 7, p. e66212, 2013.